

PIONEIRISMO REVELADO: O TRABALHO EDUCATIVO DAS FILHAS DA CARIDADE EM SÃO JOSÉ DE RIBAMAR- MA (1944-1952)¹

Rosiane Silveria Rodrigues Veloso Amorim²

RESUMO

Este estudo, na perspectiva da História Cultural, traz uma abordagem sobre a atuação de mulheres religiosas, destaque para as Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo na educação maranhense. O contexto histórico e geográfico é o município de São José de Ribamar - MA, no qual a obra caritativa dessas mulheres contribuiu significativamente no oferecimento de instrução para meninas desse município. Portanto, a tessitura investigativa se propõe a analisar a atuação dessas irmãs no campo educacional, bem como, possibilitar a ampliação do conhecimento sobre a história da educação ribamarense, cuja relação está intrinsecamente ligada com a atuação das Vicentinas. Sobre a metodologia, caracterizamos nossa pesquisa como bibliográfica e qualitativa, utilizando fontes documental e iconográfica. Os marcos temporais a que nos referimos são de 1944 a 1952, período de estabelecimento da Companhia na localidade e de permanência da primeira Irmã Superiora a frente dos trabalhos na comunidade. Desse modo, o trabalho busca inserir no campo da história das mulheres, essas religiosas como sujeitos históricos, destacando seu papel de protagonistas e evidenciando sua principal característica de pioneiras. Para tanto, dialogamos com autores como: Flinton (1989); Azzi (2008); Coelho (2001); Dodin (1980) e Perrot (1988), discutindo gênero, educação e religião, no sentido de entender como esses campos se articulam e nos permite aguçar um olhar mais crítico sobre a mulher na sociedade.

Palavras-chave: Educação Feminina, Religião, História da Educação.

REVEALED PIONEERING: THE EDUCATIONAL WORK OF THE DAUGHTERS OF CHARITY IN SÃO JOSÉ DE RIBAMAR - MA (1944-1952)

ABSTRACT

¹Este artigo traz um recorte da minha dissertação de mestrado defendida em 2017, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Maranhão - UFMA.

²Mestre em Educação, graduada em Pedagogia e professora da Rede Pública de Ensino de São Luís e São José de Ribamar - MA.

This study, from the perspective of Cultural History, brings an approach on the role of religious women, highlighting the Daughters of Charity of São Vicente de Paulo in Maranhão education. The historical and geographical context is the municipality of São José de Ribamar - MA, in which the charitable work of these women contributed significantly to the provision of education to girls in that municipality. Therefore, the investigative fabric aims to analyze the performance of these sisters in the educational field, as well as, to enable the expansion of knowledge about the history of education in Ribamar, whose relationship is intrinsically linked with the work of the Vincentians. Regarding the methodology, we characterize our research as bibliographic and qualitative, using documentary and iconographic sources. The timeframes to which we refer are from 1944 to 1952, the period when the Company was established in the locality and the first Superior Sister stayed in charge of the work in the community. In this way, the work seeks to insert women in the field of women's history as historical subjects, highlighting their role as protagonists and highlighting their main characteristic as pioneers. For this, we dialogue with authors: Flinton (1989); Azzi (2008); Coelho (2001); Dodin (1980) and Perrot (1988), discussing gender, education and religion, in the sense of understanding how these fields are articulated and allows us to sharpen a more critical look at women in society.

Keywords: Female Education, Religion, History of Education.

INTRODUÇÃO

O desenvolvimento da educação brasileira teve significativa participação e contribuição das congregações religiosas. Homens e mulheres religiosas por décadas dedicaram-se, entre outras funções sociais, a de educar crianças, jovens e adultos, combinando dois componentes primordiais na construção das sociedades cristãs ocidentais: educação e religião. Carvalho (2012, p.42), enfatiza sobre a interação destes dois elementos: “Assim, religião e educação interagem e contribuem na construção histórica das sociedades, através das instituições fundadas durante vários séculos”. No Brasil, com a chegada de grupos religiosos, essa combinação compunha não só a história da nossa sociedade, como também caracteriza uma parte significativa da história da educação.

No Maranhão, a educação não foge a essa regra, religiosos também chegaram com o objetivo de aumentar o número de fiéis da igreja Católica, num movimento de difusão da fé cristã, a começar pelos “[...] padres capuchinhos que acompanhavam os

franceses no ato da conquista” (BOTELHO, 2007, p.42). Em 1615, após a expulsão dos franceses, diversas Ordens estabeleceram-se nas terras maranhenses das quais podemos citar: os jesuítas com seu trabalho missionário, inclusive instalaram-se no município de São José de Ribamar; os carmelitas e os mercedários de origem espanhola, procedentes de Belém.

Da mesma forma, as mulheres religiosas, também, desenvolveram um importante papel, no cenário educacional brasileiro e maranhense, com suas ações educativas, como é caso das “Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo” ou as “Servas dos Pobres”, que se estabeleceram no Estado do Maranhão, no século XX. Além do trabalho educativo dessa Companhia, em São Luís (1941) e em São José de Ribamar (1944). Outras congregações religiosas femininas foram de substancial importância no âmbito educacional maranhense, num dado momento histórico em que o Estado não conseguia suprir todas as necessidades educacionais da população. E ainda hoje estão presentes, sendo referência neste segmento, a exemplo da Companhia Missionária Capuchinha e das Irmãs Dorotéias, dentre outras.

Entretanto, quando pretendemos conhecer as ações educativas destas e de outras congregações religiosas femininas, nos deparamos com a escassez de registros, ou seja, as mulheres religiosas também cooperaram consideravelmente para o desenvolvimento da educação, mas pouco se tem conhecimento dessa contribuição na historiografia do Maranhão, em especial a ribamareense.

A busca sem êxito, por informações sobre este trabalho religioso e educativo, fortalece a afirmativa de que há uma omissão da presença das mulheres religiosas na historiografia da educação, principalmente, quando nos reportamos a nível municipal. Em se tratando de pesquisas acadêmicas, a produção ainda é tímida, se comparada a outros objetos de pesquisa.

É nesse contexto de lacunas, que surgiu o interesse pelo objeto de nossa pesquisa - a atuação das Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo no âmbito educacional, no município de São José de Ribamar -Ma. A escolha se justifica pelos seguintes motivos: 1- pela ausência nos registros históricos da presença feminina

religiosa, que as tornam invisíveis no cenário histórico e educacional; 2- pelo interesse de conhecer o trabalho educativo das Filhas da Caridade, que possuem reconhecimento local, apenas via senso comum de sua atuação; 3- dar ênfase ao papel da mulher na construção da história; e, por este estudo possibilitar a ampliação do conjunto de pesquisas sobre a história da mulher, em especial a religiosa no contexto da educação.

Os primeiros passos do percurso investigativo foram dados mediante os seguintes questionamentos: como se deu o processo de atuação das primeiras Filhas da Caridade no âmbito da educação em São José de Ribamar, no período de 1940 a 1952? Quem são essas mulheres? Dos quais decorreram outros, como: quais as origens da mencionada Companhia religiosa? Seus ideais e fundadores? Que elementos motivaram a vinda das Filhas da Caridade para o referido município maranhense?

Diante dessa problemática e na tentativa de responder essas questões, delimitamos nosso estudo no período de 1944 a 1952, cuja justificativa recai em duas razões: a demarcação inicial deve-se ao ano da chegada das primeiras Filhas da Caridade e da fundação do Convento no município de São José de Ribamar; e como delimitador final, 1952, por ser a data de término do mandato da primeira Superiora da Companhia (Irmã Jeanne Mahieu).

Nossas interrogações conduziram a uma pesquisa histórica, caracterizada por ser documental e bibliográfica, no que tange à natureza das fontes empregadas para a abordagem e trato com o objeto de estudo. Como sabemos, toda pesquisa tem uma intencionalidade, sendo assim, entendemos ser relevante situarmos o campo teórico, com o qual fundamentamos nosso discurso. Numa condição de estudiosa feminista, nosso trabalho investigativo toma como viés a questão de gênero, cuja exposição se fundamenta no campo conceitual dos estudos de Scott (1995), ao compreender gênero como uma categoria de análise, necessária para entendermos como as relações sociais vão se constituindo na sociedade.

Encarando os desafios e os problemas como inerentes ao ofício do/a pesquisador/a, admitimos que as dificuldades encontradas foram muitas. A primeira dificuldade refere-se à pesquisa bibliográfica – a escassez de material foi o nosso principal problema. Posteriormente foram as limitações da pesquisa documental, que consistiram na acessibilidade aos documentos. Diante desses obstáculos, a saída foi buscar outras fontes e locais. Nesse percurso conhecemos o acervo histórico do Sr. Antônio Miranda (historiador e artista ribamarense) - 28 quadros fotográficos no recorte temporal de 1944-1961, que compuseram uma exposição fotográfica, realizada em 2014 em comemoração aos 70 anos da fundação do Patronato (colégio da referida Congregação em estudo) no município. Destes, utilizamos aqueles referentes ao período de 1944-1952, nos quais identificamos quem eram as pioneiras, bem como, conhecemos parte do seu trabalho educativo e assistencialista.

É neste cenário desafiante que esta pesquisa se propõe a analisar a contribuição feminina religiosa, de forma específica da Companhia das Filhas da Caridade, no desenvolvimento educacional ribamarense, com a pretensão de diminuir a lacuna existente na historiografia ribamarense, se inserido no conjunto de trabalhos de pesquisadoras e pesquisadores que partilham de um desejo comum “[...] inverter as perspectivas historiográficas tradicionais, de mostrar a presença real das mulheres na história mais cotidiana, [sustentando] o esforço das historiadoras nestes últimos anos” (PERROT, 1988, p.171).

Fazemos então um convite ao leitor/a para conhecer nossos, achados com a certeza da relevante contribuição que demos à história das mulheres em especial das mulheres religiosas congregadas e nutrimos a expectativa de que este seja um estímulo para pesquisas posteriores.

PRIMÓRDIOS E EXPANSÃO DA COMPANHIA DAS FILHAS DA CARIDADE

Não poderíamos iniciar a narrativa sobre os primórdios e expansão da Companhia das Filhas da Caridade, sem antes apresentar e discutir mesmo que de

forma breve na ótica das relações de gênero seus fundadores – São Vicente de Paulo e Santa Luísa de Marilac. O primeiro apontamento é sobre as representações feminina e masculina identificadas nas obras que relatam sobre suas biografias. A figura feminina neste caso Luísa, é sempre destacada ora com características não muito admiráveis, ora enfatizando suas qualidades. Na obra de Dodin (1980, p.30), a menciona:

[...] Mademoiselle Legras, nascida Luisa de Marilac, não parecia estar totalmente preparada para esta grande obra. Ela entra como uma sombra na vida de Vicente no decorrer do ano de 1624. Esta pequena mulher – 1m49 de estatura –nervosa e sensível, pertencia por parte de seu pai Luís, à ilustre família dos Marilac.

Vejam os como respectivamente esse mesmo autor refere-se à figura masculina: “Humilde e tenaz, Vicente assim conduz o seu noviciado na caridade”, (DODIN, 1980, p. 66).

Tomando a perspectiva feminista para análise de como as questões de gênero são um construto, decorrente de um intenso aprendizado social, percebemos como as representações do ser homem e mulher se dão nos modelos comportamentais estereotipados atribuídos para ambos os gêneros. Vicente – o homem – é “viril, protetor, inteligente, líder...”, enquanto Luísa – a mulher – é a “frágil, sensível, nervosa, de temperamento difícil...” e uma característica que para nós é a pior neste conjunto, é a de necessitada de uma figura masculina como condutor/orientador para sua vida. O que sutilmente é dito por (ROUX; CHARPY, 2002, p. 26) “Desorientada, Luísa procura o seu caminho. Encontra um sacerdote: Vicente de Paulo”.

Outro ponto importante é a quantidade extremamente desigual relacionada ao aporte informativo dos pesquisados. Enquanto Vicente de Paulo tinha inúmeros referenciais sobre sua biografia, para Luísa de Marilac havia um número ínfimo destinado à sua biografia. Um detalhe importante – o que encontramos sobre a fundadora da Companhia estava inserido nos referenciais teóricos sobre o padre Vicente -, e em quantidade pouca expressiva. A exemplo, destacamos uma obra

intitulada “Caridade sem fronteiras” (2006), organizada pelos religiosos da Igreja Católica, Pe. João Pubben e Ir. Maria Vanda de Araújo. Nela contém trinta e três títulos, dos quais um apenas, fala de ambos os fundadores, oito abordam sobre Santa Luísa e vinte e três versam sobre São Vicente.

Esses dados sinalizam como a desigualdade de Gênero permeia a ciência, sobretudo o campo de interesse de pesquisa. Esse poder da hegemonia masculina como sujeitos da história, também perpassa pelo poder simbólico, um discurso científico que impõe a predominância ou exclusiva atuação masculina na ciência, tornando a mulher excluída desse processo, ou quando a mencionam não lhe dão a devida relevância, colocando sua ação como secundária.

Sobre esta questão, reportamo-nos aos estudos da historiadora Scott (2011), onde tece críticas sobre como a mulher foi historicamente excluída como sujeito da ciência e da “[...] prioridade relativa dada à “história do homem”, em oposição à “história da mulher” [...]” (SCOTT, 2011, p. 80), cuja hierarquia segundo ela, está implícita em vários relatos históricos. E neste caso, cabe perfeitamente sua observação.

Apresentados seus fundadores a partir de uma análise das relações de gênero, falaremos brevemente de sua biografia. Luísa de Marillac (1591-1660), francesa, sempre teve o desejo de seguir a vida religiosa, entretanto, não lhe foi dada essa liberdade. Casou-se por imposição da família e somente aos 34 anos (1625), após tornar-se viúva seguiu o estilo de vida que sempre almejou. É nesse momento de sua trajetória, o encontrou com o padre Vicente e juntos materializam o projeto de iniciar um trabalho missionário para os pobres.

Mundialmente conhecido como São Vicente de Paulo (1581 -1660), é considerado um ícone da ação caritativa da Igreja Católica no século XVII. Dos 79 anos de sua existência, 60 deles foram destinados à vida religiosa. Iniciou sua vida eclesiástica ainda na juventude quando seu pai envia-o ao Colégio de Dax dos Franciscanos, afim de que obtivesse alguma instrução, pois “Para o povo rural, a Igreja é o caminho normal para ascensões rápidas” (DODIN, 1980, p. 13).

Com um projeto renovador, a Companhia das Filhas da Caridade foi fundada em 29 de novembro de 1633, em Paris. Ela surgiu com o propósito de “[...] servir os pobres e atender aqueles que sofriam material e espiritualmente” (REVISTA DO JUBILEU, 2007, p.11). Uma proposta inovadora para o trabalho missionário, pois diferenciavam por serem mulheres consagradas à vida apostólica, sem uniforme, sem véu e nem votos solenes, assumindo a vida vocacional fora da clausura.

Conhecidas como “Servas dos Pobres” pelo povo, tiveram a caridade como fundamento do trabalho missionário, o que consistiria futuramente nos alicerces estruturantes da instituição: o servir os pobres e a obra caritativa. Exercer a caridade implicaria no desenvolvimento de algumas virtudes que Filhas da Caridade deveriam cultivar, enfatizadas por Vicente de Paulo em uma de suas conferências: “Em uma conferência famosa, acha bom apresentar às Irmãs o espírito das boas aldeãs, “simples, humildes, sem ambição, puras, pobres e obedientes”, como sendo o espírito de sua vocação” (FLINTON, 1989, p. 37).

Esse trabalho social e religioso baseado na caridade (AZZI, 2008), desenvolvido por Santa Luísa e São Vicente inicialmente com 12 jovens camponesas na França no século XVI, aos poucos se estrutura como uma Congregação, tendo proporção secular e expansão para outros continentes. Entretanto, é no contexto do Movimento Ultramontano da Igreja Católica que chega ao Brasil, em 1849, em virtude da solicitação do Bispo de Mariana (MG) – Dom Antônio Ferreira Viçoso (defensor do Ultramontanismo em solo brasileiro, o Bispo não mediu esforços na tentativa de restaurar a unidade cristã do Catolicismo).

Estabelecida em terras brasileiras, a Companhia deu início ao trabalho caritativo e a eficácia de suas obras sociais resultou em novos chamados para outras cidades brasileiras. Nos 167 anos de estabelecimento no Brasil, a Companhia expandiu-se em todas as regiões brasileiras, constituindo, hoje, seis Províncias com sedes em: Rio de Janeiro, Recife, Curitiba, Amazonas e Fortaleza, e, a esta última pertence as casas de São Luís e São José de Ribamar as quais falaremos mais adiante.

PIONEIRISMO REVELADO EM RIBAMAR

A proposta desta seção é fazer uma narrativa sobre a atuação das primeiras Filhas da Caridade no Município de São José de Ribamar, com o intuito de dar visibilidade a essas mulheres que realizaram um trabalho pioneiro nesse local, que trouxe para a comunidade ribamarense possibilidades de transformação social por meio da educação.

Narrar o início da obra das Filhas da Caridade no Maranhão é reconhecer que elas foram as protagonistas da ação caritativa da Companhia no estado. O Vigário Geral, D. Felipe Condurú Pachêco, menciona a chegada das Irmãs no estado, pois estas se estabeleceram aqui a seu convite, bem como, relata um pouco de suas ações:

Em S. Luís, a seu convite, as “Filhas da Caridade”, de São Vicente de Paulo, assumiram, a 28 de maio de 1938, o cuidado do “Leprosario do Bomfim”, cujas novas instalações haviam sido inauguradas a 17 de outubro de 1937[...]. – No bairro “João Paulo”, as mesmas religiosas iniciaram uma escola que veio a ser um ginásio muito frequentado, a qual fora inaugurado a 21 de agosto de 1941 (PACHÊCO, 1968, p. 624-625).

Como exposto por Pachêco (1968), a proposta do trabalho caritativo das Filhas da Caridade, foi primeiramente na área da saúde – cuidar dos doentes de hanseníase. Para essa atividade, foi-lhes entregue a direção da Colônia do Bonfim. Outras assumiram a direção da Casa da Providência. Em ambas as instituições não puderam permanecer. Na primeira, a saída se deu em virtude do contrato não ter sido firmado e na segunda por não terem liberdade de apostolado (BARROS, 1991).

Entretanto, a obra caritativa da Companhia não se findaria no estado por conta desses impedimentos. Em 1941, com ares de despedida, ao visitarem um compatriota e este por falecimento de sua empregada, as convida para acompanhá-lo até o bairro do João Paulo. Vendo a pobreza do lugar desejam fazer sua obra naquela comunidade. Conseguiram uma pequena casa e ali passaram a residir, dedicando-se

arduamente para a edificação da obra, que viria a se tornar o Colégio “São Vicente de Paulo” ainda em atividade. As primeiras Filhas da Caridade que chegaram ao Maranhão foram: Irmã Jeanne Mahieu (Superiora), Irmã Francisca Holanda e Irmã Luísa Moraes Mendes. Destas, duas irão compor o grupo de pioneiras da Companhia no município de São José de Ribamar (BARROS, 1991), conforme detalharemos a seguir.

No município de São José de Ribamar, as primeiras Filhas da Caridade iniciaram um trabalho caritativo nas áreas de educação e saúde, a pedido do Pe. Lemem, via em Ribamar o cenário propício para a obra vicentina germinar. Uma solicitação prontamente aceita pela Casa São Vicente de Paulo em São Luís. A chegada das Filhas da Caridade no município consta nos registros do Livro Tombo da Igreja Matriz de São José de Ribamar, assim descrita:

Fundação da Casa das Irmãs da Caridade em S. José de Ribamar...
Em 27 de Novembro de 1944 a D.Visitadôra das Irmãs de Caridade Província Brasileira, Irmã Blanchou, depois Superiora Geral das Irmãs da Caridade e depois até 1965 novamente Visitadôra das Irmãs de Caridade, província com sede em Rio de Janeiro, em companhia de Irmã Suzana depois Visitadôra da Província Brasileira e depois a primeira Visitadora das Irmãs Mahieu, primeira Superiora das Irmãs da Caridade em S. Luiz do Maranhão e depois primeira da Casa de S. José de e mais irmã Maria José Ferreira Lima e Irmã Francisca Holanda, fundou a Casa das irmãs da Caridade em São José de Ribamar, provisoriamente sob a direção da Superiora da Casa S. Vicente de Paulo em São Luiz do Maranhão. (LIVRO TOMBO, 1957, 51).

No início do trabalho caritativo foram enviadas somente três Irmãs. Apresentamos a relação nominal no quadro abaixo, cuja listagem tem como critério a cronologia de chegada delas no município, visto que foram datas diferentes. As Pioneiras da Companhia das Filhas da Caridade em solo ribamarense foram:

Quadro 3 - Relação das Filhas da Caridade em São José de Ribamar (1944 - 1952)

ANO DE CHEGADA	FILHAS DA CARIDADE
1944	Irmã Francisca Holanda
	Irmã Eugênia Oliveira
	Irmã Maria José Ferreira Lima
1945	Irmã Joana Mahieu
	Irmã Gabriela
	Irmã Catarina Menezes
1946	Irmã Genoveva Alves
1948 ^{3*}	Irmã Margarida Gurgel
	Irmã Suzana Sousa
1951*	Irmã Santos
1952*	Irmã Marta Sales

Fonte: Livro Tombo; arquivo fotográfico Antônio Miranda (2014).

Destas, conseguimos foto individual apenas a da Irmã Joana Mahieu, que apresentamos abaixo. As outras Filhas da Caridade foram fotografadas na realização de atividades pedagógicas ora só com o alunado, ora na interação com familiares e discentes.

Fotografia 1- Irmã Jeanne Mahieu



Fonte: Arquivo fotográfico Antônio Miranda (2014).

Nascida em Tourcoing, França, Irmã Jeanne Mahieu ou somente Irmã Mahieu, como era conhecida, fazia parte do primeiro grupo da Companhia que veio para o Maranhão, em 1938. Passou um período de três anos (1944-1947) como Superiora concomitantemente das duas instituições em São José de Ribamar e em São Luís.

^{3*}O asterisco indica que não tendo acesso a documentos que informassem a data de chegada das referidas Irmãs em Ribamar, registramos as datas constantes nas fontes iconográficas localizadas.

Entretanto, devido a seu problema de saúde, aliado à Regra da Companhia, não poderia permanecer à frente da missão caritativa na Capital.

A obediência às regras e o desejo de permanecer no estado lhe fizeram tomar uma importante decisão: “A obediência mandava-a sair de São Luís, mas o seu coração sentia saudades antecipadas da pobreza da terra. Pensou então: ficarei sem desobedecer. Pedi permissão e segui para São José de Ribamar” (BARROS, 1991, p.12).

A frente da Companhia em Ribamar ela desenvolveu obras sociais de grande importância, decorrente das experiências adquiridas no exercício de sua função não apenas em São Luís como também, em outros estados brasileiros. Vale mencionar que Jeanne Mahieu foi diretora do Colégio da Imaculada Conceição no Ceará, no período de 1931-1935. Em sua gestão foram inseridos cursos de datilografia, culinária e também o regime de externato.

Juntamente com as três primeiras Irmãs: Francisca Holanda, Eugênia Oliveira e Maria José Ferreira Lima, fizeram a obra florescer, fruto de esforço e dedicação na assistência aos carentes, filosofia presente em todas as obras vicentinas. Em 1952, Irmã Mahieu deixa o município, assumindo sua função a Irmã Marques.

Fotografia 2 – 1ª turma de internas e externas do Patronato São José de Ribamar (1948)



Fonte: Arquivo fotográfico Antônio Miranda (2014).

Na investigação de informações sobre esta fotografia, identificamos uma característica sobre seu sistema de ensino a partir de uma análise comparativa com registros fotográficos de outras escolas vicentinas – a organização em dois regimes:

internato para meninas carentes e externato com pagamento de mensalidades. Lage (2008) ao levantar dados sobre duas escolas da Rede Vicentina de Educação: Colégio Providência (1849), em Mariana e o Colégio Nossa Senhora das Dores (1867), em Diamantina, ambas localizadas no estado de Minas Gerais, também identificou esse tipo organizacional. Ela destaca ainda que essas escolas se caracterizavam por terem fortemente uma perspectiva assistencialista, principalmente para meninas pobres e órfãs. Essas instituições organizavam-se para o atendimento das referidas clientelas, assim como o Patronato, que originalmente foi criado para assistir meninas carentes. Conceição (2008) relembra um momento desse convívio com as Irmãs e o exercício da caridade:

Lembro quando eu fazia parte do grupo das Luizas de Marilac, levávamos a sacola de mantimentos, para os velinhos. Para eles era um dia de muita alegria, já ficavam esperando. Além desse lado humano que se desenvolveu o convívio com as Irmãs, às quais devemos a nossa formação espiritual, deixou em nossas vidas um marco, um sentimento que jamais apagará: o AMOR, amor ao próximo, AMOR a DEUS, amor e amor (CONCEIÇÃO, 2008, p.97).

Uma obra que não perpassava só pela educação, saúde e assistência, como também uma forma de despertar na comunidade ribamarense, sobretudo nas meninas, o exercício da caridade, estimulando a vivenciar a fé cristã. Como forma de enfatizar esse trabalho, citamos algumas ações sociais da Companhia como: a criação do Clube para mães pobres, cuidado dos doentes de hanseníase, Hospedaria e Dispensário.

Ainda no campo educacional, além da escola primária que já apresentamos anteriormente, destacamos ainda o Jardim de Infância “Menino Jesus”, desde sua criação em 1948, funcionava com pagamento de mensalidades. Recebia crianças de cinco anos de idade, de ambos os sexos, ou seja, trabalha com turma mista. Assim, pensar na relevância desse trabalho da Companhia em ofertar educação para o público infantil, na década de 1940, tendo em vista que um século depois nem todas as crianças têm acesso a essa etapa da educação.

CONCLUSÃO

Iniciamos a escrita desta sessão de forma peculiar e não muito comum aos trabalhos científicos. Decidimos relatar nossas impressões – título que julgamos ser mais apropriado para a finalização de uma pesquisa. Impressões estas que tivemos não apenas do ponto de vista acadêmico, mas do mundo das sensações.

A experiência inicial de fazer narrativas sobre mulheres religiosas, com o desafio de não apenas descrever suas ações, mas de inseri-las no campo da visibilidade, tornando-as sujeitos históricos reconhecíveis. Um olhar sobre o indivíduo, uma visão micro da história, não como um olhar redutor da pesquisa histórica, mas, enxergando-a como uma ampliação de objetos de estudo. O que nos permitiu pensar sobre o próprio ofício do/a historiador/a, possibilitando pesquisas que formulem novos problemas, fazer novas abordagens, o que tanto defendia a Escola dos Annales.

Uma análise de gênero no campo religioso denuncia uma evidência: o lugar reservado a mulher é o secundário. Se trilharmos a historicidade da mulher na Igreja comprovaremos que independente das funções exercidas, dos períodos históricos, não possuem voz nas tomadas de decisão, muito menos ocupam os grandes cargos eclesiásticos. Neste sentido, a religião é um campo onde as desigualdades de gênero são fortemente produzidas e reproduzidas por meio de uma suposta concepção cristã que exalta o homem e coloca a mulher numa posição de submissa. “Esse lugar da mulher na sociedade não é um lugar natural, mas construído socioculturalmente no contexto cultural patriarcal” (SOUZA; LEMOS, 2009, p. 36).

Na parte central de nossa pesquisa, conseguimos após muitos desafios, identificar todas as Irmãs que estiveram presentes nos marcos temporais de 1944-1952, discorrendo sobre alguns aspectos da primeira superiora e sua importante gestão para o florescimento da obra caritativa em Ribamar.

Essa obra que engloba ações na assistência, saúde e educação. Nossa impressão acerca do trabalho educativo no Convento Patronato de oferecer educação para dois grupos de meninas no sistema de internato e externato foi de que ambos os grupos, mesmo recebendo uma educação conservadora, nos moldes tradicionais, deu a essas alunas uma possibilidade pelo viés educativo de futuramente pensarem outras escolhas, que não as estabelecidas e nisso consiste um paradoxo.

Por fim, nossas impressões sobre essa atuação são frutos de um pioneirismo, que é salutar a nosso ver, ao proporcionar a comunidade ribamarense desprovida de políticas públicas, principalmente a educacional, minimamente o usufruto de um direito universal – a educação.

Impressões que podem ser questionadas, criticadas, mas que desejamos ao final desta pesquisa possam imprimir, nos/as leitor/as o interesse de investigar a educação pelo prisma da atuação das mulheres, e por que não as religiosas?

REFERÊNCIAS

AZZI, Rioland. **História da Igreja no Brasil: terceira época – 1930-1964**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

BARROS, Ir. Anita Nunes de. **50 anos do Colégio São Vicente de Paulo**. São Luís: CSVP, 1991.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 11^a ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BOTELHO, Joan. **Conhecendo e debatendo a história do Maranhão**. São Luís: Fort Gráfica, 2007.

CARVALHO, Maria Goretti Cavalcante de. **O projeto educativo das capuchinhas: o Franciscanismo na história da Educação em São Luís, desde 1913**. São Luís: EDUEMA, 2012.

CONCEIÇÃO, Marli de Jesus. “**São José de Ribamar, cidades de encantos**”. 2ª ed. Ampliada: São Luís – São José de Ribamar: Gráfica & Editora Alpha, 2008.

DODIN, André. **São Vicente de Paulo e a Caridade**. 1ed. Curitiba: Gráfica Vicentina LTDA, 1980.

LAGE, Ana Cristina Pereira. Pedagogia vicentina: as primeiras escolas confessionais femininas em minas gerais na segunda metade do século XIX (mariana e diamantina). In: Congresso Brasileiro de História da Educação: O ensino e a pesquisa em história da educação – (5:2008 : Aracaju, Sergipe). **Anais...** São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe; Aracaju: Universidade Tiradentes, 2008. p. 1-21. Disponível em:
<http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe_2008/pdf/713.pdf.

LIVRO TOMBO, Paróquia e Santuário de São José de Ribamar. São José de Ribamar – MA. 1950-1960?

MIRANDA, Antonio. **Exposição fotográfica**. São José de Ribamar – MA. 2014.

PACHÊCO, D. Felipe Condurú. **História Eclesiástica do Maranhão**. SENEC, Departamento de Cultura, 1968.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. Trad. Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

PUBBEN, Pe. João; ARAÚJO, Ir. Maria Vanda de (org). **Caridade sem fronteiras**. Recife: Gráfica Dom Bosco, 2006.

REVISTA DO JUBILEU. Fortaleza: Província de Fortaleza, 31 de janeiro de 2007. Ed. Comemorativa.

ROUX, Ir. Marie Geneviève; CHARPY, Ir. Elisabeth. **Santa Luísa de Marillac**. Trad. Ir. M´riam Godinho. França: Éditions Du Signe, 2002.

SCOTT, Joan. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, vol.20, nº2, jul/dez.1995, p.71-99. Disponível em: <<http://www.direito.caop.mp.pr.gov.br/arquivos/File/SCOTTJoanGenero.pdf>> Acesso em 11/01/2015.